

Congressistas dos EUA ESTADO DE SÃO PAULO *inda fuk* 10 JAN 1986 temem exemplo brasileiro

BRASÍLIA AGÊNCIA ESTADO

O Brasil precisa encontrar uma forma de pagar sua dívida externa. Se não pagar, o exemplo poderá ser seguido por outros países, com prejuízos econômicos e sociais para o mundo desenvolvido e as nações subdesenvolvidas. Não importa que a dívida seja fruto de empréstimos contraídos pelo governo militar, que tenham sido mal aplicados. O País tem de pagá-la para receber novos créditos.

Essa foi a colocação dos 13 deputados norte-americanos, integrantes da Comissão de Finanças da Câmara de Representantes, aos seis deputados brasileiros que discutiram a questão da dívida externa, do mercado internacional. A delegação dos Estados Unidos, que visitou a Argentina e agora segue para a Venezuela, está colhendo informações sobre a situação econômica dos países sul-americanos, a fim de subsidiar os congressistas.

O deputado Irajá Rodrigues (PMDB/PR) quebrou o tom cordial da reunião, logo ao seu início, ao afirmar que o Brasil "não tem condições de pagar os juros de sua dívida externa às taxas atuais". Responsabilizando o governo dos Estados Unidos pela situação, "na medida em que o Tesouro norte-americano pressiona o mercado financeiro internacional em busca de recursos para cobrir seu déficit público".

"A melhor forma de o Congresso americano nos ajudar a pagar nossos débitos é através da redução do déficit público dos Estados Unidos" — disse Irajá Rodrigues, provocando um burburinho entre os visitantes.

O chefe da delegação, John La Falce (democrata de Nova York), respondeu rápido: "Para nós, a dívida é um problema tanto dos credores como dos devedores. Nós não temos nenhuma solução à vista, mas entendemos que o caminho natural é, primeiro, o Brasil saldar seus compromissos e, depois, obter mais recursos para sua expansão econômica".

Pedindo a palavra, o deputado Walmor de Lucca (PMDB/SC) disse que a dívida brasileira resulta da vontade mútua dos banqueiros e do governo militar do passado. "Os banqueiros internacionais agiram irresponsavelmente ao entregarem recursos a um governo militar que não tinha respaldo na opinião pública" — disse, ele. As verbas, em muitos casos, foram mal aplicadas, como no

Programa Nuclear. "Pagamos cinco bilhões de dólares por duas usinas nucleares importadas dos Estados Unidos, as quais não produzem energia e nos custam um milhão de dólares por dia. Não podemos agora condenar cem milhões de brasileiros à fome e à miséria por causa dos maus gerentes do passado. E os americanos precisam entender isso", acrescentou ele.

Embora o presidente da Comissão de Finanças, deputado Moisés Pimentel, amenizasse a colocação, dizendo que o Brasil vai honrar seus compromissos, embora somente a longo prazo, apesar de todas as dificuldades, os visitantes sentiram-se incomodados.

O deputado Stan Parris (repblicano da Virgínia) protestou: "Mas, se o governo deste país usou o dinheiro e determinou sua aplicação, não seria razoável que nós aconselhássemos nossos eleitores a simplesmente perdoar os erros do passado dos brasileiros". E veio a resposta, rápida, do deputado Herberto Ramos: "O risco dos banqueiros foi consciente, tanto que cobraram do Brasil as mais altas taxas de risco, emprestando recursos até mesmo para projetos considerados inadequados ao País pelo Banco Mundial, como a Ferrovia do Aço. Ainda assim, poderíamos pagar a dívida, mas o protecionismo norte-americano impede a entrada de nossos produtos em seu mercado."

Pelos visitantes, respondeu então a deputada Marge Roukema (república de Nova Jersey), argumentando que os congressistas não controlam nem os bancos nem os banqueiros. "Não estamos nos desculhando — disse ela —, mas todos nós, bancos, parlamentares e povo, seremos influenciados pela forma como isso for resolvido. O Brasil precisa encontrar uma solução, via FMI ou através do Plano Baker."

Moisés Pimentel apartou: "Nós temos responsabilidade. Não sabemos como e quando podemos pagar. Mas vamos fazê-lo". E o deputado George Wortley (república de Nova York) tentou conciliar: "Nós precisamos democratizar tais soluções. Sabemos que houve falhas. Mas o que nos preocupa é que o Brasil é líder no Hemisfério Sul. O que os senhores fizerem será exemplo para outros países. Gostaríamos de ajudá-los a controlar a inflação e aumentar suas exportações. E achamos que a melhor solução é o Brasil receber bem novos investimentos estrangeiros, para criar novos empregos, sem elevar a dívida externa".